

LIÇÃO 2

A INTEGRIDADE RESOLUTA DE DANIEL

TEXTO ÁUREO: “E Daniel propôs no seu coração não se contaminar com a porção das iguarias do rei, nem com o vinho que ele bebia” (Dn 1.8).

LEITURA BÍBLICA: DANIEL 1.8-21

INTRODUÇÃO

Na lição de hoje entenderemos melhor um dos aspectos excelentes do caráter de Daniel: sua integridade moral e espiritual, a qual demonstrou com grande resolução e confiança em Deus. Também consideraremos a importância de momentos críticos de prova da integridade como este pelo qual passou Daniel e seus companheiros, e como nossa firmeza e prudência em tais momentos agradam a Deus.

I – A CORTE DO REI DE BABILÔNIA (VV. 3-7)

Por ocasião do princípio do cativeiro dos judeus em Babilônia, antes mesmo da queda de Jerusalém, aquela cidade já era o centro econômico e político do mundo oriental antigo; a palavra de Deus falada através de Jeremias havia se cumprido e os últimos redutos de resistência àquele que havia sido constituído soberano sobre as nações estavam sendo esmagados pelo seu exército. Despojos de guerra, tesouros de templos e palácios saqueados, artistas, sábios e artesãos de todos os ofícios estavam sendo levados (como cativos ou voluntariamente) para a grande capital do império, aumentando sua opulência e tornando-a tal como Deus a mostraria depois a Daniel – a *cabeça de ouro* da estátua.

Daniel e seus companheiros encontravam-se em Babilônia como *cativos*, não como convidados; talvez até não estivessem em *cadeias* como o rei Joaquim, mas sua situação não era muito melhor, pois faziam parte da *nobreza real* e podiam ser vistos pelos caldeus como potenciais causadores de motim e revolta entre os milhares de judeus que já estavam no cativeiro (v. 3; cf. 2 Rs 25.27). Contudo, de repente estão entre os escolhidos para serem trazidos à corte de Nabucodonosor. Esse procedimento, em si, era normal nas cortes reais antigas; membros da nobreza ou da família real de um reino vassalo eram “adotados” para se tornarem cortesãos, pelos mais diversos motivos, como: aumentar o prestígio do rei, pela diversidade de povos representados entre os que o assistiam; servir de penhor da benevolência ou do pacto entre os dois reinos; ampliar o número de indivíduos capazes de servirem às necessidades da administração real. Além disso, ensinar esses cortesãos a viverem de acordo com os costumes da corte era uma forma de perpetuar e ampliar a cultura “dominante” – uma espécie de “universalismo”, como aquele praticado depois por Alexandre, o Grande. Mas, em relação ao nosso profeta e seus companheiros, sua escolha para que se lhes ensinassem “*as letras e a língua dos caldeus*” (v. 4) representa algo de mais importante e dramático.

Daniel e seus companheiros estão diante de um verdadeiro processo de “aculturação”, onde eles deveriam abandonar, se esquecer de tudo aquilo que pudesse impedi-los de serem iguais aos caldeus, não apenas no conhecimento, mas também na prática e nos costumes. E isto incluía suas crenças, que entre os povos antigos era um fator determinante para todos os demais aspectos da cultura. Por isso seus nomes, que celebravam o poder e a majestade de Deus, foram trocados por outros que citavam os ídolos babilônicos (v. 6-7). Ademais, as *iguarias* e o *vinho* do rei que são determinados como a porção desses jovens não representam apenas comida e bebida da melhor qualidade, mas é outro elemento de aculturação e paganização, pois os banquetes reais envolviam sacrifícios, libações e louvores aos deuses (v. 5; cf. Dn 5.1-4). Em poucas palavras, as Escrituras insinuam que esses jovens não deveriam apenas *conhecer* intelectualmente a cultura e a religião babilônica, mas também *viver* de acordo com ela, celebrando seus deuses todos os dias em seus nomes, em suas refeições.

II – A FIRME RESOLUÇÃO DE DANIEL (VV. 8-14)

Além de Daniel e seus três companheiros, outros jovens hebreus foram escolhidos para serem preparados como cortesãos de Nabucodonosor. E, aparentemente, nenhum deles objetou ao novo estilo de vida determinado pelo rei; afinal, como mencionamos na lição passada, esses jovens haviam sido privados dos confortos de uma vida abastada e se tornaram cativos em terra estranha; agora, naturalmente veriam esta situação como a chance de uma reviravolta, de aliviar a dor das perdas que haviam sofrido, ou, quem sabe, um sinal de que o tempo do cativo seria breve. Considerando, porém, que a situação exigia que ele se *contaminasse* – ou seja, quebrasse sua fidelidade para com Deus – Daniel viu aqui uma oportunidade de afirmar sua lealdade ao Senhor, mesmo que tal afirmação envolvesse um grave risco para sua vida. “*Daniel propôs em seu coração não se contaminar*” sugere que ele se achava diante de um dilema; o rei determinou, e ele não podia simplesmente escolher não se contaminar. Mas também ele não podia – e não queria – abrir mão do que tinha de mais precioso, e que nem a privação dos bens deste mundo lhe havia tirado – sua integridade para com Deus.

Mas Deus, na Sua grande benevolência e misericórdia, atentou para o propósito de Daniel e providenciou uma saída para que nem o rei fosse contrariado, nem a pureza deste jovem fosse contaminada. Diante de um homem poderoso como Aspenaz, chefe dos eunucos, ele achou “*graça e misericórdia*”, e com simplicidade e sabedoria conseguiu perduadi-lo a experimentá-lo a ele e seus três companheiros durante dez dias, apenas com legumes e água, ao invés dos manjares e do vinho do rei (vv. 12-14). Aqui notamos que a fé de Daniel não era presunçosa, mas segura para saber que um breve período seria suficiente para provar o seu ponto, e não esgotar a paciência do eunuco; e humilde para entender que o caminho de Deus passava pela submissão aos limites que lhe haviam sido impostos.

III – O VALOR DA INTEGRIDADE (VV. 15-21)

Não fosse o cuidado e a providência de Deus para com aqueles que o temem, tal pedido seria negado, pois como aqueles que participam de uma refeição frugal poderiam parecer melhores ao rei do que aqueles que se banqueteiavam com carne e vinho? Mas os dez dias se passaram e os jovens foram achados em condições de prosseguir com a sua abstinência, pois o que o mordomo mais temia – que o rei os achasse tristes ou desnutridos – não aconteceu (v. 15-16). Seus nomes continuariam sendo pagãos, seu aprendizado continuaria sendo nas letras e ciência dos caldeus, sua aparência sem dúvida seria “*babilônica*”; contudo, sua integridade pessoal estava guardada e aprovada, ainda que para aquele momento, pois outras provas viriam.

Mas certamente o cuidado de Daniel para se manter incontaminado diante de Deus foi recompensada naquela ocasião; pois, diante do escrutínio do rei, “*não foram achados outros tais como Daniel, Hananias, Misael e Azarias; portanto ficaram assistindo diante do rei*”. Particularmente a Daniel, o Senhor havia concedido um dom excelente, que se mostraria útil em mais de uma ocasião, não apenas para a honra do Seu servo diante dos maiores da terra, mas também para salvar as vidas de muitos (v. 17).

CONCLUSÃO

A integridade do nosso coração para com Deus é a coisa mais preciosa que temos; é o bom tesouro que devemos guardar a todo custo, mesmo quando envolve coisas, em outras circunstâncias, poderíamos apreciar ou desejar. Todas essas coisas um dia poderão faltar, mas nossa integridade é para aqu'Ele que jamais faltará, e é através dela que alcançamos de Deus a paz e a segurança de que precisamos para chegarmos até o fim da nossa peregrinação neste mundo.